

Viaje através da mente de um recruta...

HISTÓRIA de um RECRUTA

*O que aconteceu no dia 26
de maio de 2024?*

CARVALHO 609

A História de Um Recruta

Este livro tem sua total dedicação ao homem que me ensinou a odiar as minhas escolhas, te vejo no inferno
Everton Conceição Soares.

A História de Um Recruta

Então ele foi levado para a sala de julgamentos onde revelaram para ele a grande sala de vigilância. Eles sempre estavam nos observando, até quando pensávamos que não estávamos sendo observados.

- Sabe o que acontece agora? Sabe qual é o cliffhanger?
– perguntou o homem em uniforme verde oliva cheio de condecorações.

- Não senhor – respondeu o soldado prestes a ter um dos piores sentimentos de sua vida. – O que é?

- Você não faz mais parte dessa Instituição – revelou o comandante.

– Sd 609 Carvalho, *Um Alcoólatra Anônimo*

A História de Um Recruta

NOTA DO AUTOR

Esta história é menos uma obra de ficção e mais uma história oculta e provavelmente não famosa. Os nomes, personagens, lugares e eventos são todos frutos da minha imaginação, ou, se parecerem familiares, é pura coincidência. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é uma coincidência ainda mais incrível. Lembre-se: a literatura é um espelho distorcido da realidade, e eu não me responsabilizo por como você pode interpretar as minhas palavras ou as consequências que elas possam ter na sua vida. Que você tenha sorte de encontrar algo impactante enquanto lê!

A História de Um Recruta

A DECISÃO ERRADA

Todo dia é um dia de pensar em decisões que podem interferir no seu futuro. Compreendo totalmente sobre isso. Se eu fizer uma escolha errada, tudo pode desmoronar ao meu redor. É como um joguinho de “Jenga”.

Imagine que sua vida é uma torre de blocos. Cada bloco é uma decisão que você toma. Ao retirar um bloco, a torre fica instável e pode desmoronar. Portanto, uma escolha errada pode fazer tudo ao seu redor desabar, mostrando como nossas decisões são delicadas e importantes.

Não importa o que eu faça para tentar consertar algo que não tem volta. É como pegar um caminho onde um terremoto acontece, e abre o chão e me puxa para dentro. Um abismo sem fim, perdido na escuridão das escolhas obrigatórias.

O senhor quer servir o Exército Brasileiro?, perguntou o militar que começou o interrogatório de perguntas.

Sim, quero servir. Sou um voluntário, eu respondi, e ao mesmo tempo o entrevistador anotava minhas respostas em uma folha cheia de perguntas.

É uma armadilha, eu devia saber disso.

Essa é a maneira perfeita de cair em uma armadilha.

Uma vez li em algum lugar, devo ter ouvido de um filme ou de um documentário: Um rato preso em uma

A História de Um Recruta

armadilha pode roer a própria perna para poder escapar. Essa frase era de um filme com a atriz Rebecca Ferguson. Não sou um rato, mas existe a possibilidade de ter uma armadilha.

O grande voluntarismo obrigatório que nós jovens temos que, infelizmente, fazer por nosso país. Em uma das inspeções, vergonhosamente, pedem a você que fique pelado, completamente pelado, para que o médico possa olhar o seu corpo dos pés, pênis e até a sua cabeça, à procura de alguma doença. O médico pede que assopre a palma da mão sem deixar sair o ar, procurando por alguma hérnia. Não tenho nenhuma doença, somente suspeito que tenho bipolaridade, mas não disse sobre essa suspeita, não tenho um diagnóstico.

Quando estivermos incorporados no Exército Brasileiro, é provável alguém dizer... Parabéns! Agora fique pronto para as mil palestras, o que são instruções militares, sobre as regras que proíbem você de fazer isso e aquilo. Talvez tentem impor medo em nós para que os sargentos sejam vistos como Deuses Respeitáveis. Devem fazer isso no internato. Eles vão transformar cada um de nós, soldados recrutas em cobaias de sargentos e subtenente, até que, um de nós decida desistir sem dar motivos aparentes, apenas desistir. Seria como fazer todos

A História de Um Recruta

pensarem que foi um acidente surreal. Ele não deu sinal de desistência, diriam.

O terceiro sargento Bergmann é um pai para nós, é o que ele mesmo diz, mesmo não gostando. Eu sou como um pai para os senhores, ele dizia. Talvez ele não saiba qual é a definição de "pai" Ele não comeu a minha mãe e me colocou no mundo, e também não me criou quando crescia. Ele não é o meu pai. Não sei como um pai seria para mim, mas não seria o Bergmann, jamais. Pensar nisso me dá repulsa.

Os recrutas são todos jovens adultos com a mesma idade. A maldita geração Z, a geração que vivem online conectados à internet, a geração problemática, é um fato. Não temos culpa se a ascensão dos smartphones nasceu em nossa bendita geração. Deveriam culpar os pioneiros de toda a tecnologia que atualmente temos, por estragar uma geração, com todas as palavras.

Eram apenas os recrutas que moram em Santa Maria presentes na Base Administrativa de Santa Maria. São quarenta vagas para quarenta recrutas. Por enquanto eram quinze, os de Santa Maria. Eu não sou dessa cidade, estou morando aqui temporariamente. Quando tudo acabar, de maneira definitiva, caso de errado em servir, vou partir para a minha cidade natal, Ijuí. Mais tarde viriam recrutas de outras cidades.

A História de Um Recruta

Essa seria a semana zero. A semana zero, o início de uma jornada. Uma jornada que estava começando. Vou conhecer gente nova. E todos vão saber o meu nome, ou sobrenome, e o número de recruta. Quero ser lembrado por centenas de anos. Quero estar em arquivos históricos. A história tem que registrar o sobrenome e número. 609 Carvalho. Eu quero ser uma lenda histórica, lembrado para sempre. Quero arquivar tudo o que for dito em minha história. Foda-se o que pensariam a respeito, diria. Internet Archive é o meu amigo. Não pode apagar-me, serei preservado até o fim dos tempos.

A História de Um Recruta

CAPÍTULO UM

INCORPORAÇÃO

Augusto Bergmann é um dos sargentos instrutores. Direita e esquerda volver, frente para retaguarda, marcar passo e marchar. Ele ensinou esses movimentos. Eu detesto esse sargento pelo fato dele simplesmente existir, e também pelas suas ordens absurdas. Ele tem um ar de esforço em querer ensinar as posições de sentido e descansar.

- Eu sou o sargento que os senhores mais irão ver durante esse ano — dizia Bergmann.

Nós somos apenas meros soldados recrutas, voluntários, de pressão psicológica e da abusividade de ensinamentos militares. Eles nos colocam números e nos chamam pelo sobrenome. Sou nomeado de 609 Carvalho. O primeiro nome não existe aqui.

Eu estou de fato incorporado em uma Instituição, a tal de Base Administrativa da Guarnição de Santa Maria. O nosso respectivo comandante Soares se apresentou para o novo pelotão de soldados recrutas do efetivo variável.

O comandante Everton Conceição Soares tinha 52 anos de idade, cabelo grisalho. Ele, o homem responsável pela Organização Militar onde eu estou servindo. Soares, o homem de poder suficiente para decidir o caminho de qualquer um de nós. Quatro olhos, poderoso ele.

A nossa formatura de incorporação estava emocionante. Faltou alguém falar no microfone: "Bem vindos a um ano de serviço forçado e de pressão psicológica" e "Fiquem um mês sem poder ver as suas famílias durante o internato". Teve cachorro-quente e suco de laranja

A História de Um Recruta

como uma bela recepção aos familiares que estão ali orgulhosos vendo seus filhos ou amigos, ou netos dando um passo novo na vida. Era uma troca justa em oferecer cachorro-quente e suco em troca de soldados. Os meus avós estavam presentes, me aproximei deles. O avô Emílio estava usando uma blusa social azul marinho, parecia quase cinza, mas era azul, e a avó Rosalene estava usando um vestido vermelho que realmente se destacava entre a multidão. Eles estavam sentados em um dos bancos.

- Oi, estão perdidos? - eu disse me revelando aos meus avós.

- É, nós estávamos procurando por você - ele falou olhando com um olhar de orgulho e preocupação.

- Você estava muito imóvel lá na formatura enquanto a maioria dos outros garotos estavam se movendo procurando com os olhos os familiares e amigos presentes – o avô disse.

- O sargento Bergmann ordenou que olhássemos apenas para o horizonte e, não se movesse - expliquei.

Diante disso, a ideia de ficar um mês sem vê-los me deixou com um medo profundo em deixá-los. Respirei fundo.

- Vamos tirar uma foto ? – ele disse, como se estivesse ali somente para tirar uma foto com o seu único netinho já adulto e, agora fardado.

- Sim, vamos – concordei.

Tirei uma fotografia com os avós usando o celular do avô Emílio porque a avó Rosalene não gostava de

A História de Um Recruta

pessoas mexendo no celular dela. Ela é uma avó emprestada. Ela é italiana ou costumava ser.

- Por que você não vai até a mesa e pega um lanche para você? Eu aposto que mais tarde vai sentir fome. Não é mesmo? – ele falou.

- Boa ideia, vou lá pegar um cachorro-quente na mesa.

– Eu estava realmente faminto, peguei dois copinhos de suco e dois cachorros-quente. Um para o meu avô.

- Vocês gostariam de conhecer o alojamento de cabo e soldados?

- Sim senhor, soldado Carvalho. Seria uma ótima ideia

– o avô Emilio falou.

Levei eles até o alojamento. Eu senti um leve arrepio em pensar que isso tudo estava parecendo mais um episódio de Black Mirror. Não parecia certo eles estarem ali junto comigo. Era uma sensação estranha. O avô Emilio estava feliz e orgulhoso comigo. Eu estava feliz também.

Mostrei a cama beliche de duas camas para eles. Tinha um manto verde.

- Eu durmo aqui em cima – falei, mostrando o beliche que ficava em frente de um ar condicionado.

- Você sente frio dormindo aí? – A Rosalene perguntou.

- Sim, mas estou acostumado.

Ela olhou de relance para o beliche. Meus avós eram altos, mesma altura, mas eu não sou alto igual a eles.

- O alojamento é bem organizado – disse o Emilio.

A História de Um Recruta

- Sim, eles sempre dão ordens para cada um arrumar as suas camas em um padrão. Assim todas as camas ficam padronizadas.

- Onde ficam os armários de vocês? – perguntou Rosalene.

Conduzi eles até o corredor onde ficavam os armários dos soldados. Os armários eram verde escuro. Os armários são trancados individualmente com cadeados. Às vezes, esquecemos de remover a chave de dentro do armário e acabamos trancando-o com a chave dentro, acontece frequentemente, devido ao estresse e pela pressa do dia. Quando isso acontecia, eles pegavam e cortavam o cadeado fora e substituindo por um novo. Isso acontecia frequentemente e era um problema real.

- Esse aqui é o meu armário numerado com o meu número de recruta.

- Legal. Onde fica o banheiro de vocês? - perguntou Rosalene com curiosidade além do normal.

- O nosso banheiro fica no fim do corredor. Vocês querem ver?

- Não. Acho que por hoje estamos ciente sobre onde o senhorzinho vai estar nos próximos dias. É um lugar bonito e organizado – disse o Emilio.

- Sim, eu concordo.

- Vamos te deixar aí então. Pode levar nós até os portões, não queremos caminhar perdidamente pelo quartel – o avô falou, como se estivesse segurando as lágrimas.

A História de Um Recruta

Eu mostrei o caminho até os portões. Nós nos despedimos e o avô Emilio disse que era para eu mandar mensagens ou telefonar se eu precisar de qualquer coisa. É para manter contato e atualizar sobre novidades novas. Fiquei observando eles irem embora, até não conseguir mais vê-los. Segurei as lágrimas. Talvez uma tenha escapado. Não sei. Eles me deixaram no temido desconhecido lugar que eu não estava nenhum pouco familiarizado. É como se os pais abandonam um filho em um orfanato porque não têm condições de criá-lo. Não estou em um orfanato, estou no internato, oficialmente em internato.

A História de Um Recruta

CAPÍTULO DOIS

INTERNATO

Estamos em internato. Estamos proibidos de ver o mundo exterior e o que restou para nós foi somente este lugar. Somos cobaias de experimentos militares. Somos reféns da mesma rotina de ontem, de hoje e a de amanhã, talvez isso seja um ciclo repetitivo. Todos os dias são iguais.

Nós acordamos cedo e nos preparamos para o café da manhã. Às 06:00 horas da manhã o toque de alvorada é acionado. Ninguém pode continuar dormindo, todos temos que levantar. Vestimos a farda verde oliva guardada em nossos armários. O meu canga era o 610 Da Rosa. Ele era um garoto moreno. Ele era um soldado recruta que alegou ter problemas de coração, mas o Exército Brasileiro ignorou totalmente o seu problema de coração. Ele foi voluntário, esse é o motivo dele estar servindo ao meu lado. Ele era simpático, pelo menos isso.

O nosso Treinamento Físico Militar (TFM) estava sendo conduzido pelo terceiro sargento Bergmann. Ele era um alemão de bigode por fazer, mas ele era musculoso e forte. O "Bergamota" sabia correr. Normalmente a corrida matinal são 3 Km, sem intervalos, depois da corrida temos que fazer barras. O meu máximo foram sete barras de braço. Era o meu recorde inquebrável. Quando o TFM acabou, de surpresa, eles deram 3 minutos para que os quarenta e um de nós tomássemos

um banho no estilo "Flash" rápido demais. Nem dava tempo de soltar um peido.

Eu ficava na retaguarda. A retaguarda era o lugar dos baixinhos. O soldado 611 Daniel e o soldado 614 Teixeira, comigo, fechamos a retaguarda quando estamos em forma. Eu sentia o desejo de ser alto e não fazer parte da retaguarda. Às vezes desejava ser alguns centímetros mais alto, mas desejar não é o mesmo que poder. Essa minha altura é uma maldição. A maldição de não crescer mais.

Além de minha angústia por ser baixinho, o fato de ter o Daniel e o Teixeira na retaguarda aliviava em saber que não era o único que não era alto o suficiente para não ser da retaguarda. O que tenho certeza de estar no mesmo barco. A angústia aumentou.

- Todos em forma às 11 horas e 30 minutos para avançar para o rancho – disse o sargento Forgerini avisando.

Faltavam 30 minutos para 11 horas e 30 minutos. O sargento Forgerini espalhava medo com um simples olhar. Ele era melhor do que o sargento Bergmann, pois ele sabia como ser um instrutor. Ele demonstrava o sentimentalismo humano, diferente do Bergmann.

Enquanto esperava a hora do almoço, eu dormia embaixo de uma das camas, a maioria de nós ficava descansando no chão do alojamento, porque o chão era gelado e bom. A maioria de nós descansava nesses milagrosos e puros minutos de pura alegria. Eram bons preciosos minutos. Entre os quarenta e um de nós, um

A História de Um Recruta

era cabo. O cabo Lopes. Ele era um gordinho moreno que estava aprendendo a ser cabo. Ele estava no mesmo barco. O mesmo barco navegou no meio do Triângulo das Bermudas, onde aviões e embarcações simplesmente desaparecem sem deixar vestígios. Eu não sabia disso, mas acreditava. Acreditava que a qualquer momento eu poderia desaparecer. Um momento estou aqui, e de repente, em um piscar de olhos, não estou mais, desaparecer sem deixar rastros.

Durante esse intervalo de tempo, conseguimos respirar, suar, esconder, brincar e cantar. O Daniel gosta de cantar. Ele sabe cantar músicas em inglês. Cantar é um jeito de escapar dessa realidade. A realidade ao nosso redor é pesada. É assustador. O tempo está passando devagar como uma tartaruga caminhando para casa.

- Todos lá fora em forma para ir para o rancho – a voz do sargento Forgerini soou no alojamento.

Obedecer. Ter disciplina e um bom comportamento, mesmo eu discordando com toda essa merda. Eu estou faminto. Eu estou com raiva e cansado. Talvez eu me fingir de louco e quebrar as regras. Nada aqui é meu, tudo é transitório. Alguma hora ou outra não vou mais estar aqui mesmo.

Pensamentos como virar um desertor e fugir nunca passaram pelos meus pensamentos. Eu particularmente gostava desse início do internato. Era um sentimento de nostalgia ou parecia ser. Teve arroz, feijão e carne, e um doce emplastificado que era goiaba como almoço.

A História de Um Recruta

Alguns de nós pegávamos duas goiabas sem que percebam. Quanto ao último dos últimos, que estava em forma, dava o seu grito de guerra: INFANTARIA!, antes mesmo de avançar para o rancho. O último dos últimos geralmente era o soldado 614 Teixeira. Eu pude ouvir alguns recrutas comentarem e caçoaram da voz do Teixeira.

"Ele tem uma voz de gay", é o que diziam quando o Teixeira bradava infantaria. Comentários de moleque malcriado. A maioria deles são uns babacas.

Pela tarde, teve aqueles tipo de palestra onde ensinam o que é e o que não é errado. E como uma aula em uma escola militar, que dava muito sono, um sono além do normal, aquelas aulas são entediante demais. A regra era clara, quem dormia ou bocejava: tinha que ficar obrigatoriamente de pé, ou pelo contrário, lhe davam uma pontuação negativa que chamavam de FO - (FO negativo). O lado bom disso de ser baixinho é que se eu dormisse, ninguém que estivesse olhando para a plateia perceberia. Mas isso, se estiver sentado na última fileira de cadeiras. As cadeiras eram duras e desconfortáveis. Eram intermináveis horas de ensinamentos de assuntos que anotava em meu caderno, mas nunca revisava. Talvez se eu revisasse teria me saído melhor como um soldado inexperiente e recruta do efetivo variável. A preguiça tomava conta de mim, essas aulas são inúteis,

A História de Um Recruta

pensava. Era uma instrução militar sobre princípios e valores.

Lembro-me da vez que o sargento Bergmann me deu a ordem para ir ao banheiro e fazer a barba em dois minutos, aqueles dois minutos eram pouco tempo. Eu corri em uma velocidade veloz para pegar o barbeador, a espuma de barbear e a gillette no armário, e corri ao banheiro para fazer a barba em frente ao espelho. Eu estava fazendo a barba tão depressa que acabei cortando todo o rosto. Quando entrei em forma, o sargento percebeu e gritou bem alto: "Não! O soldado abriu uma buceta na cara!", parecia engraçado. Eu podia sentir o sangue escorrendo em meu rosto.

Maldita inspeção de barbas. Faltou inspecionar os nossos pentelhos do saco também para checar se estão todos lisos.

- 612, quem dos senhores tem a letra mais bonita? – perguntou Bergmann.

- O Carvalho, senhor.

Então foi decidido pelo Sargenteante Bergmann que eu iria receber a minha primeira missão desde o começo do internato. A missão era pegar as assinaturas de todos os soldados que eu mal conhecia, e o nome de seus familiares que poderiam receber uma tal quantia de

A História de Um Recruta

grana no caso de morrerem servindo dentro do Quartel General.

Ele gosta de pressionar.

O sargento Bergmann disse que iria comer meu cú sem cuspe no caso de não conseguir cumprir essa missão, que até amanhã de manhã precisava estar pronto.

A tarde passava rápido demais, os minutos passavam como segundos. A missão de todo o pelotão era decorar a *Oração do Infante*:

*Senhor tu que dissesstes ao Infante
Dominai sobre todas as criaturas
Fazei me forte de corpo e alma
Dai-me a graça de saber lutar
Com lealdade e de vencer
Com justiça
Mas se não merecer a vitória
Morrer com dignidade!*

INFANTARIA BRASIL

- Sentado, um... dois – Bergmann deu ordem.

Sentados com as pernas cruzadas em um padrão que todos deveríamos estar sentados no chão. A mão esquerda segurava o punho da direita e a perna direita sobre a esquerda.

Um dos sargentos trouxe uma caixa de som para tocar a *Oração do Infante*. E então nós cantamos juntos em

A História de Um Recruta

uníssonos e os sargentos e soldados antigos diziam que não estava bom, e que podíamos melhorar. Nós cantamos repetidamente para lembrarmos mais rápido. Era a coisa mais importante do mundo, decorarmos aquilo.

Nas primeiras tentativas cantamos baixo. Imperfeitos. Depois de várias e várias vezes que cantamos, nós quase bradamos a Oração do Infante o mais alto possível, e que pôde ser ouvido até no batalhão da 3ª DE (Terceira Divisão do Exército).

Somente depois de repetirmos o dia todo aquela canção que somos liberados para tomar banho. Não entendo mesmo o real porquê dos banheiros serem arquitetadamente projetados desta maneira, totalmente abertos com os nove chuveiros. É como se eles tivessem projetado desse jeito para que pudéssemos identificar se o seu colega de farda é um homem mesmo e se ele tem um pênis de verdade e não uma vagina.

Essa parte do dia em que não temos privacidade tomando banho no mesmo lugar e ao mesmo tempo, sinto saudades de tomar banho sem ter pessoas junto comigo no banheiro.

Antes você tomava banho sozinho, depois do antes você toma banho em um banheiro com mais oito homens totalmente pelados e com um sargento bigodudo olhando para vocês.

- A hora do banho acabou, senhores – disse o sargento Bergmann apitando com o seu apito amarelo.

A História de Um Recruta

Pederastia ou tirania do homem denominado ao cargo de terceiríssimo sargento Bergmann.

Não sou gay e nada do tipo mas... mas... que porra é essa... Santa Madre vogai pelas vossas almas imundas, mas que pirocão que acabei de ver.

- Qual é o seu nome completo? – perguntei ao soldado 601.

- Fabian Gabriel Murini *Tassinari*.

Ele escreveu o nome do familiar que queria que recebesse a grana no caso da morte dele dentro do Quartel General.

O 602 estava em uma das camas próxima a porta.

- Seu nome completo?

- Samuel *Weber* Aita.

Procurei pelo 603, mas ele já estava dormindo e roncando no alojamento. Tive que acordá-lo para perguntar.

- Qual é o seu nome completo?

- Guilherme Almeida de *Maidana*.

E ele escreveu o nome da mãe.

CAPÍTULO TRÊS

O PLANTÃO

Tinha sido escalado como plantão. O meu primeiro serviço, estava um pouco ansioso. A senha é "escuro" e a contra-senha é "sombra", o número por adição é "três" disseram em uma rodinha com os que estavam de serviço de plantão. Nós estamos fazendo uma simulação sobre o que fazer quando o rondante passar por nós de madrugada.

Quando o rondante passar, grite:

- Alto lá, identifique-se.

Então o rondante ficaria imóvel e gritaria a palavra rondante. O plantão, então em resposta, diria:

- Aproxime-se para melhor identificação.

O rondante aproximava-se alguns passos, até o soldado de plantão da hora dizer a palavra "alto" e "avance a senha" O rondante diz a senha e o plantão diz a contra-senha e um número de soma para somar até o três, se dito um, o rondante responde dois. Após isso, o plantão diz:

- Rondante identificado.

Apresentando-se para o rondante com continência e com o número de recruta e o nome de guerra... soldado 609 Carvalho, plantão da hora, apresento serviço sem alteração, assim eu diria. Parecia ser simples. Eles ensinaram corretamente. O soldado Dallago era bom como instrutor, mas ele era bom demais para ser apenas

A História de Um Recruta

um soldado antigo e não um cabo ou um sargento. Um soldado, apenas.

O sargento Miguel sorteou os quartos de hora. Eu e o meu canga Da Rosa e o Daniel pegamos o segundo quarto de hora. Nós assumiria da meia-noite até às duas da madrugada.

Às 22:00 o primeiro quarto de hora assumiu. Esse era formado pelo Drescher, Chimainski e Schumacher. Eles estavam empolgados. O Drescher fez o pernoite, ele anotou o nome de todos que estavam no alojamento de cabo e soldado. Sem contar os de serviço. Após ter anotado todos, ele desligou a luz do alojamento. Nós deixamos nossas regatas de TFM na beirada da cama para que identificassem quem estava de serviço na hora de trocar os plantões, assim não haveria confusão em acordar aqueles que não estavam de serviço. Havia alguns soldados que estavam roncando de tão cansados, era o Maidana. O 603 Maidana, soldado abatido e inconsciente. O trouxa continuava roncando alto. Tentei dormir, fechei os olhos e imaginei estar em um barco navegando no Oceano, no meio da noite e com a aurora boreal no céu, e iluminando as águas do mar. Adormeci.

Sou acordado por Chimainski, que estava de plantão no alojamento.

A História de Um Recruta

Vai para o banheiro se tiver que fazer suas necessidades, disse ele sussurrando.

Faltavam dez minutos para meia-noite. Eu fui ao banheiro e passei água no rosto. O banheiro era muito peculiar e tinha três repartições quando você entrava no banheiro, tinha os espelhos e as pias com as torneiras, para a esquerda havia os chuveiros, um ao lado do outro, e para a direita são os vasos sanitários, pelo menos são fechados e eles têm uma porta para cada sanitário.

Eu abri o meu armário e peguei um doce de amendoim que havia pegado no café da manhã, não podia comer enquanto eu estivesse de plantão da hora, comi ali mesmo. Também tinha três maçãs dentro do armário e cinco laranjas. Eu tenho laranjas!, disse. O tempo estava se esgotando, quase meia-noite. Sai para fora do alojamento onde o cabo de dia estava, o soldado Dallago, ele fez as trocas. Eu fiquei de plantão da hora no alojamento.

Aconselho que de vez em quando, verifique as câmeras e os soldados do alojamento para ver se estão todos bem, ou se alguém estiver passando mal, me chame imediatamente, disse ele. E chame o próximo da hora 10 minutos antes, avisou.

Passou-se uma hora e vinte minutos. O rondante estava passando, eu o vi sendo abordado pelo 610 Da Rosa. E depois, pelo 611 Daniel. Era a minha vez de abordá-lo. Escondi o meu corpo na penumbra em uma parede, somente o meu rosto estava à visão do rondante.

A História de Um Recruta

- Alto lá, identifique-se, – eu disse o abordando e em resposta, ele disse:

- Rondante.

Pedi para ele avançar a senha.

- Escuro – respondeu o rondante.

- Sombra, dois – indaguei a contra-senha e o número por adição.

- Um – respondeu. Ele era de fato o rondante. O rondante era o sargento Miguel, da seção de informática. Bati continência e apresentei o serviço sem alteração. Ele me olhou dos pés a cabeça e perguntou:

- O senhor quer engajar?

Eu hesito em responder. Por que essa pergunta é muito pessoal?, penso. Respondo que sim. O que poderia acontecer se eu tivesse dito que não?, ser dedurado ou ser imaginado como um soldado fraco. Talvez seja apenas curiosidade. Não tem como saber de verdade. Ele anotou o meu número em seu celular como os rondantes geralmente fazem, deve ter um grupo do Whatsapp onde colocam quem está de plantão da hora, e onde colocam as informações se caso tiver alguma alteração. Hoje não tem alteração.

Bom serviço, fique atento, disse ele caminhando em direção ao P2.

Estou com bastante sono. Eu entro dentro do alojamento e olho para as câmeras, vejo o rondante

desaparecendo nas gravações de uma das câmeras. Tenho que verificar se todos do alojamento estão bem. Abro a porta de onde as camas do alojamento dos soldados EV estão. Eu entro furtivamente e sem fazer barulho, não posso acordar ninguém nessa hora da madrugada, ficariam irritados. Estava tudo em ordem como tem que ser.

Ando para lá e pra cá, ansioso, com fome e com vontade de mijar. Faltam poucos minutos para chamar o terceiro quarto de hora. Eu teria que acordá-los, o 629 Magalhães, o 628 Anderson e o 627 Lemos. Havia morcegos voando pelo teto e estavam fazendo barulhos. Não são morcegos que costumam atacar. Morcegos me lembram do super-herói: Batman, o homem-morcego. O Batman é um personagem fictício que luta contra o Coringa. O Coringa despreza a sociedade, ele é o vilão que sofreu muitos traumas antes de tornar-se de fato um vilão. Lembro-me de sua frase em um filme no qual ele dizia: "Por que tão sério?"

Acordo o terceiro quarto de hora faltando dez minutos para às duas. Digo para eles fazerem as necessidades no banheiro antes de assumirem o plantão da hora. O Dallago estava pronto para fazer as trocas.

As trocas foram feitas. Estava livre para descansar e dormir. Mas fui ao banheiro mijar. Depois direcionei-me do meu armário, e queria matar a fome comendo maçãs de madrugada. Estava faminto de fome. Comi uma maçã e descasquei uma laranja com o meu canivete, joguei as cascas no lixo em frente às câmeras de segurança do

alojamento. Sentei-me em uma cadeira com uma mesa e assisti às câmeras enquanto comia uma laranja.

Eu poderia comer mais laranjas, mas estou com sono. Quero dormir. Vou em direção ao beliche, onde subo as escadas verdes. Meu canga estava adormecido debaixo da minha cama. Me deitei e não vi mais nada, além dos ruídos do ar-condicionado ligado no mais frio possível. Cedo ou mais tarde vou pegar uma gripe com essa merda ligada. Adormeci de cansaço.

Nós somos acordados com o Chimainski que acendeu as luzes do alojamento e gritou:

- Alvorada, alvorada, vamos acordar.

Eu ouço o toque de alvorada em uma trombeta, deve ser o soldado Almeida, um soldado antigo.

"Trabalhar muito é trabalho feliz", é o que disseram em uma das instruções militares. Não existe felicidade nesse ambiente. Eles citavam o que Duque de Caxias uma vez disse: "A farda não é uma veste que se despe com facilidade e até com indiferença, mas outra pele, que adere à própria alma, irreversível para sempre". Eles citavam-o. Duque de Caxias está morto e enterrado, deve estar revirando-se em seu caixão. Tenho que acreditar nisso. Preciso acreditar.

O café da manhã. Todos estão em forma para avançar para o rancho. Quem está de serviço pode ir sozinho sem ser mandado a ficar em forma. Estou ansioso para passar o serviço e retirar o cinto suspensório que

A História de Um Recruta

incomoda meus ombros e meu pescoço. Teve café, leite e açúcar, separados ou divididos em partes. Também teve pães de queijo e pães francês. E tinha maçãs de frutas. Vou comer tudo o que tenho direito, penso. São três refeições diárias: café, almoço e jantar. Por isso eu digo: abençoadíssimo rancho, não tenho do que reclamar.

A História de Um Recruta

CAPÍTULO QUATRO

A MENSAGEM

Amanhã vou estar de serviço de guarda, de sentinela armado. Amanhã é dia oito de maio. Vou ter que aproveitar o hoje. O Oliveira me convidou para ir ao bar Container. Preciso me divertir sem esquentar a cabeça, tenho que me divertir e aproveitar a noite, e encher a cara. Quando saio junto com o 638 Oliveira, geralmente, nós bebemos alguma cerveja, antártica ou uma Brahma gelada. Não bebemos outro tipo de bebida a não ser cerveja. Eu gosto do sabor de cerveja. A cerveja quando consumida em ambientes sociais pode ajudar nas interações sociais e ajudar no alívio do estresse, isso eu devo ter lido em um artigo, ou em um jornal. Nós bebíamos como de costume. O costume é beber.

Em finais de semana aquele bar estava cheio. O bar estaria como um formigueiro de formigas, ou como uma colmeia de abelhas. Uma multidão de humanos. A multidão são universitários, militares e civis dentro do bar Container, alguns grupos de gente adulta na mesa de sinuca da entrada e outro grupo na outra mesa de sinuca perto do caixa. Onde vendem as cervejas por doze reais. Duas antárticas somam vinte e quatro. Eu e o Oliveira estamos presos pela multidão perto do caixa. Em direção ao meio-dia estão um grupo de mulheres que estão nos ignorando com força. Talvez sejam lésbicas, mas não tem como saber. O bar tem duas TVs penduradas no alto, ou penduradas perto do teto, nas TVs passa uma programação de um jogo de futebol. Era o River Plate jogando contra o Internacional.

O jogo acabou com o Internacional ganhando de 2 × 1.

A História de Um Recruta

A meia-noite chegou. Nove minutos passaram e uma mensagem no grupo do WhatsApp fez meu celular vibrar. Dei uma olhada, a mensagem dizia: "TE-I-XE-I-RA. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe. Me desculpe".

Eu não sabia o que aquela mensagem significava. O 614 Teixeira deve ter enviado uma mensagem ao grupo errado, o grupo em que os sargentos estão. Deve ter se enganado de grupo. Por que ele estava se desculpando?

“Eu acho que você mandou mensagem no grupo errado”, escrevi mas não enviei. Ignorei o que tinha acabado de ler. Quem leu também ignorou.

Deve ter sido um engano aquela mensagem. Tem que ser.

No calar da noite, eu e o Oliveira fomos para o quartel, e eu me deitei em minha cama e apaguei de tanto sono que estava. O dia e a noite haviam esgotado completamente as minhas energias

O toque de alvorada está tocando. Levanto da cama e me preparo para o café: Estou de ressaca do dia anterior. O cabo de dia é o soldado Streb. Esse Streb tem a cara de um leitão. E ele é um carente que tem cara de um leitão. Não posso comparar qual deles é mais carente, o

A História de Um Recruta

soldado Isaías ou o soldado Streb?, os dois empatam no nível de carência. Duas putinhas que devem pensar que mandam até nas cuecas dos recrutas. Eles não têm poder algum sobre nós. Apenas faça a faxina corretamente e vai se sair bem.

Para o Exército Brasileiro, fazer faxina é um método de disciplina, mesmo se a faxina durar das 18:00 até 22:00. Um pesadelo, mas caso você concentre a sua mente em outra coisa, pensar em sua hora de descanso, pode perceber o tempo passando mais rápido. Alguns reclamam e outros apenas aceitam em silêncio. Fazer faxina e limpar banheiros cheirando à bosta.

Eu estava em meu armário mexendo em meu celular. Eu vou assumir o serviço de sentinela às 18:00. Estou engraxando os coturnos para ir para a parada diária. A Parada Diária é uma formatura destinada à revista pessoal para o serviço diário. Eu devo preparar o uniforme e apresentar-me na parada diária com o cabelo cortado e a barba feita. Limpei o coturno para participar da "paradinha".

Após a paradinha, os de serviço de guarda do quartel; tivemos que fazer cricri e faxina. Era chato fazer cricri, e tirar os matinhos do meio-fio. Lembro-me de pensar que o Exército era mais operacional do que realmente é, na verdade. Às 10:30 e o nosso pelotão de serviço estava fazendo cricri em frente à cantina.

A História de Um Recruta

- Ele se matou – disse Preuss aos prantos. - Ele se jogou de uma ponte! – disse ele no mais elevado tom de tristeza.

Eu segui-o até o banheiro para saber o que tinha acontecido.

- O Teixeira pulou de uma ponte – disse Preuss para o Ebling – ele morreu.

Aquilo me foi dito, e foi como ser atingido por um raio três vezes seguidas. O combatente que costumava ser um dos últimos da retaguarda nunca mais seria visto sorrindo conosco, contando as suas piadas.

Não pude ir ao funeral do Teixeira porque estava de serviço. O velório dele seria pela tarde e todos da Base Administrativa da Guarnição de Santa Maria iriam, sem contar o pessoal de serviço. Azarados que não podem ir à uma última despedida de um amigo que morreu jovem demais.

Escrevi embaixo de uma das camas do alojamento dos sentinelas de serviço de guarda: "TE-I-XE-I-RA. Descanse em paz 08.05.2024", e uma cruz do lado. Não pude conter as lágrimas e chorei sem acreditar no que tinha acontecido. Ele era um bom soldado. Ele era como um irmão para todos nós. Eu não entendo o porquê dele ter feito isso. Essa foi a primeira vez que senti a dor do

luto, a dor da perda de um amigo. Como seguir em frente e fingir que eu estou bem com isso?

Estamos cansados, ansiosos, depressivos e com raiva. Somos trinta e nove recrutas agora e um cabo especialista. Você pode sentir a tristeza pairando no ar. Consegue sentir essa dor, você? Quero que você respire e inspire, feche os olhos e durma, e finja que o Teixeira está vivo e respirando quando acordar deste maldito pesadelo. É um pesadelo?

Lembro-me do Teixeira preparando as ligas de borracha dentro da lavanderia. Ele estava concentrado demais com os kits para o campo. Eu observava-o enquanto fumava meus cigarros mentolados, sabor melância. Ele passava a maior parte do tempo naquela lavanderia, e sabe lá Deus, o que ele pensava, sozinho na lavanderia, devia ser o seu jeito de isolar-se de nós. Ele cortava com a tesoura as ligas de borracha para colocar em torno dos potes dos kits, devia ser potes sanremo, mas não os originais, esses são fáceis de quebrar. Poucos de nós tinham comprado potes sanremo originais, que seriam bons para levar para o campo, pois são mais resistentes, e difíceis de quebrar. O Chimainski tinha comprado potes sanremo que eram originais, deve ter comprado de um sargento por um preço barato.

Talvez o Teixeira tivesse problemas fora do quartel, com a família. Talvez nós pudéssemos ter evitado o suicídio dele. A verdade é que nós estávamos ocupados demais para se importar em perguntar se estávamos realmente

bem. Um de nós não estava bem. Ele não deu sinais de depressão ou de um suicida, e como poderíamos saber? Ele cruelmente agonizou no Hospital, até que os médicos anunciaram a sua morte.

O nome dele era Carlos Henrique Teixeira da Silva. Quero lembrar dele como um irmão de guerra. A vida é injusta com as pessoas boas.

Quando o sargento Forgerini abriu o armário do Teixeira para pegar os pertences e devolver à família. Um dos itens dentro daquele armário estava em destaque: Uma Bíblia, o único livro que ele passava a noite lendo. A ficha não tinha caído ainda, até eu imaginar que nós nunca mais vamos ouvir a voz dele bradando o seu nome de guerra. É uma hamartia. Ele deve ter acreditado que não tinha outras alternativas ou que o sofrimento é insuportável. Uma falha em perceber a possibilidade de recuperação ou ajuda pode ser um erro trágico.

Menos um combatente e mais uma estrela no céu, diria.

- Meia hora antes da meia-noite. Ele disse para a mãe dele que ele passaria em uma borracharia para pegar borracha de pneu para levar para arrumar seus kits para o campo. Se eu soubesse que ele faria isso, eu não deixaria ele ter ido sozinho, podia ter evitado – disse um dos que estavam de sentinela comigo que morava em São Pedro do Sul e era próximo do Teixeira.

- Ele era muito quieto na dele, disse.

A História de Um Recruta

Um dia eu havia comprado bolachas de mel e levado para o quartel. O Teixeira viu que eu estava com as bolachas de mel, e me pediu uma. Eu dei uma bolacha de mel e em troca ele me deu uma barra de cereal. É uma lembrança.

Teve um outro dia em que o Carlos pediu meu relógio, mas não emprestei. Eu não emprestei porque recém tinha pegado meu relógio, que antes tinha emprestado para o Silvano. O Teixeira estava de serviço de plantão.

Me sinto culpado por não ter emprestado o maldito relógio de pulso. Posso ver flashbacks das lembranças dele passando em minha cabeça. Tudo de tão recente. Ele nunca mais vai colocar os pés nesse quartel. A única coisa que tenho fisicamente dele é um plástico de uma barra de cereal. Tenho sentimentos em um pedaço de plástico.

Estou no descanso. Todos os sentinelas do segundo quarto de hora estavam dormindo e roncando. A vontade de sair para fora do alojamento e acender um cigarro aumentava. Tenho que sair do alojamento da guarda. Preciso acender um marlboro.

Eu saio do alojamento furtivamente sem acordar ninguém, e acendo um dos meus cigarettes. Estava quase no horário de pernoite, que geralmente é às dezenove horas. Depois do pernoite vai ser a hora de ir para o rancho comer a ceia. A ceia é a última refeição

A História de Um Recruta

preparada pelos rancheiros para os militares de serviço. O café da manhã, o almoço, o jantar e a ceia, são preparados por homens, cozinheiros, os chefes de cozinha, nada de mãos femininas para fazer essas refeições. Mas exceto pela sargento Marcela, que faz parte do rancho, geralmente ela se encontra em seu escritório, onde mantém todas as chaves das portas do rancho.

Pode notar-se claramente os homens babando por ela, e sabem que ela gosta de chamar a atenção deles. Ela mesma os provoca com cantadas, uma cadela no cio, é o que ela parece. A última vez que a vi, ela estava em uma das mesas de concreto, aquela que tem uma toalha de mesa, o que a diferencia das outras mesas do rancho, um simples detalhe, uma toalha verde. Ela estava conversando em uma rodinha com outros sargentos e um tenente, havia um soldado antigo também. Eles conversavam, tagarelavam e riam alto, despreocupados com quem estivessem os ouvindo, porque eles têm poder de algum tipo. Não ser um sentinela é o livramento deles. Tenho um pinga de inveja disso. A sargento Marcela é uma mulher morena, alta, cabelo preto atado para trás, o corpo malhado, ela aparenta ter vinte e oito anos. Não sei muito sobre ela. Não temos muita interação, mas sei que se tivéssemos mais interações, não mudaria nada. Ela continuaria sendo uma sargento, e eu um recruta.

A História de Um Recruta

O pernoite aconteceu. O tenente nos passou a senha, a contra-senha e o número por adição: Morcego, penumbra e sete. Anotei em minha mão com um canetão preto, para decorar e lembrar depois, com aquelas duas palavras e aquele número, sou capaz de abordar o rondante.

- Estão todos bem para tirar o serviço? Ninguém está passando mal? – perguntou o tenente olhando para nós.

Analisando o meu estado mental atualmente, com tudo o que aconteceu, a morte do Teixeira, o funeral dele que não pude ir, o sentimento forte de melancolia e do luto, a grande ^etristeza. Caso eu diga que não estou bem, eles poderiam me substituir por um dos plantões, ou pelo meu canga, o 610 Da Rosa como chamam. O Da Rosa me odiaria por isso. Não quero ser mais odiado do que já sou. "Eu estou bem", é uma mentira que funciona perfeitamente contra os simplórios. Às vezes me sinto odiado.

A História de Um Recruta

CAPÍTULO CINCO

O CAMPO

A História de Um Recruta

Amanhã vai ser o dia do campo, dia treze de maio. Estou preparando ao máximo a mochila para o campo. Estou preparando tudo o que preciso para o amanhã, quando ver o sol subir lentamente enquanto o planeta Terra continua girando sem parar, igual nós humanos. A raça dominante nesse sistema planetário, os inteligentes, porém ignorantes. De qualquer maneira eu durmo. Estou descansando a carcaça para enfrentar o que vem a seguir. O campo será nossa simulação de guerra.

Somos acordados às quatro horas da madrugada quando os sargentos Bergmann e Forgerini entraram no alojamento gritando:

- Começou, senhores! Começou, senhores! Preparem a carcaça, se preparem.

Um dos sargentos estava apitando com um apito para nos apressar.

Levanto do beliche e corro para o meu armário. Tem luzes vermelhas para todo canto, as luzes de sinalizadores acesos, provavelmente os sargentos acenderam antes de nos acordar. Parecia um ambiente sombrio e totalmente diferente do normal, e era o que queriam que pensássemos. As luzes vermelhas dos sinalizadores iluminando no escuro causam uma sensação de alerta imediato, e sinalizam a necessidade de parar, observar e de agir com cautela. Eu peço meu barbeador e a espuma de barbear, sigo para o banheiro. O banheiro

A História de Um Recruta

estava lotado de recrutas. Não tem espaço disponível nos espelhos. Tenho que improvisar e fazer a barba sem um espelho.

Quando me sinto pressionado e estressado, eu esqueço coisas. A gandola nova foi completamente esquecida pendurada em um dos beliches, pois deixei a gandola secando em frente ao ar condicionado.

A sensação de medo paira sobre mim enquanto coloco a calça camuflada de ralo e a gandola de ralo por cima da camiseta de ralo que antes era de um soldado do ano anterior, o desconhecido soldado laronka. Para completar, coloquei o gorro numerado com o número seiscentos e nove. Os coturnos de ralo estavam calçados em meus pés, mas a amarração de selva em um deles não estava feita.

Pareço estar pronto, então pego a mochila de cima do armário. O tempo está esgotando-se. O 615 Bernardi está conferindo a mochila, enquanto a maioria está lá fora, todos prontos. Eu decidi deixar o kit costura no armário, pois pensei ser muito desnecessário.

Estava com vontade de ir ao banheiro mijar, mas o meu pedido foi negado pelo sargento Bergmann. Não me restou tempo. Então corro desequilibrado para fora do alojamento, onde vou para o fim da fila, para a retaguarda e em forma. É a hora do apronto.

A mochila estava realmente pesada. Dentro da mochila tenho uma farda de muda, um par de coturno de muda, uma roupa de frio verde militar, além dos kits socorros, sobrevivência, carcaça, manutenção do fuzil, camuflagem, e um pote de alumínio que chamamos de marmitex e um caneco de

A História de Um Recruta

alumínio para beber água que peguei com o subtenente Pires. Também tem um litro de água, um poncho, um saco de dormir. Tudo perfeitamente impermeável em plásticos à prova d'água, itens resistentes que não molham. Não estava levando balaclava e as luvas de frio, pois pensei serem desnecessários. Não gosto da ideia de ter algo cobrindo o meu rosto e a sensação estranha de luvas em minhas mãos. Tenho velame suficiente dentro da mochila. Os velames que o avô Emilio comprou em uma loja militar Defender.

- Antigamente na minha época, ser um militar não era assim. Os soldados têm que pagar para servir agora – dizia Emilio reclamando dos preços dos itens militares da loja Defender.

Ele estava zangado porque eu havia gastado quatrocentos da grana do meu salário. Um preço alto que doeu os bolsos. Sou um soldado, mas um consumidor de equipamentos militares que se tornaram produtos comercializáveis.

O sargento Forgerini nos levou até ao lado do rancho marchando e cantando canções militares com o máximo de animação. Estamos esperando a 3ª DE cautelar os pau de fogo. A 3ª DE também fará o campo com nós da Base Administrativa da Guarnição de Santa Maria. Enquanto esperamos, estamos seguindo a ordem de caranguejar.

A História de Um Recruta

- Sabe o que é caranguejar, soldados? – perguntou o sargento Forgerini olhando com os olhos o mais arregalados possíveis para nós.

- Caranguejar é o ato e a técnica de aquecer o corpo. Caranguejar é dar pequenos pulos com cada perna de cada vez e manter a carcaça em movimento, sem sair do lugar – disse ele.

Sinto uma sensação de que está faltando alguém aqui na retaguarda, penso, o Teixeira devia estar no lugar onde o cabo Lopes está, um cabo substituto. O Lopes também é o canga substituto do soldado 613 Ebling no campo.

É mais difícil desistir agora, mais fácil encarar o desafio e continuar. Só desisto quando morrer. Quais são as chances de morrer no processo? Ser esfaqueado por alguém com um canivete? Não vou deixar ninguém irritado comigo.

É a nossa vez de cautelar os pau de fogo e a bandoleira. A bandoleira facilitaria para carregar nossas armas não funcionais no campo. Abençoada bandoleira.

Após todos os recrutas do nosso pelotão terem acabado de cautelar. Os sargentos Bergman e Forgerini e o sargento Azevedo, eles nos levaram em frente ao rancho, onde recebemos café da manhã. Estava usando pela primeira vez o caneco de alumínio para me servir um café com açúcar. Tem pão com mortadela e bananas de frutas, pego um de cada. Não estava realmente com fome, mas tive que comer com pressa. Guardei a banana em um dos bolsos da calça, comeria mais tarde quando a fome bater. Uma hora a fome bate, sempre bate, e o estômago começa a fazer barulhos pedindo migalhas de alimentos, até o ponto de você considerar mastigar folhas

A História de Um Recruta

de uma árvore para enganar a fome, para não sucumbir. Não sei o que me aguarda no campo. O desconhecido está um passo à frente.

Eles levam a gente para a garagem do quartel. São quase cinco horas da manhã, nenhum sinal do sol subindo ainda. Todos os recrutas estão alinhados em fileiras, cada um está a um metro de distância um do outro. Está tocando uma música motivacional. Devem usar muito essa música em curso de formação de cabos. O tenente Duarte está falando no microfone. Não estou prestando atenção no que ele está dizendo, estou prestes a mijar em minha calça.

- Quero que os senhores tirem tudo o que tem dentro da mochila dos senhores e coloquem em na frente e organizado em cima da lona do apronto – disse o tenente Duarte.

Os sargentos estavam passando por cada um dos recrutas. Estavam fazendo uma espécie de revista para ver se algum de nós estava levando algo ilegal ou algo que não deveríamos levar para o campo. Devem estar procurando por drogas ou armas. Os sargentos são como cães farejadores.

O sargento Azevedo está revistando as coisas que vou levar para o campo. Ele pede para eu abrir as tampas dos kits. Eu as abri, e ele dá uma rápida verificada com a sua lanterna de luz esbranquiçada.

- Pode fechar os potes. Cadê a toalha que foi pedido? – perguntou ele.

- Eu esqueci, senhor. – A toalha eu não quis levar, pois somaria mais peso, penso.

- Arrego! Como vai se secar quando estiver molhado? – perguntou indignado.

A História de Um Recruta

- Não sei, senhor – eu disse.

- Posso ir ao banheiro, senhor? – não consegui resistir a perguntar. Se não perguntasse agora, quando perguntaria?

- Está precisando muito ir?

- Sim, senhor – respondi.

Havia um banheiro a dez metros de distância. Seria maldade ele recusar.

- Pode ir – disse o sargento Azevedo.

Eu pedi para o cabo Lopes cuidar das minhas coisas enquanto vou ao banheiro me aliviar.

Ordenaram que colocássemos nossas mochilas em um caminhão militar VW Worker com a traseira aberta e fechada nos lados e acima. Esse caminhão transportava apenas nossas mochilas. Outros três caminhões, levam os recrutas da 3ª DE, são mais de setenta recrutas divididos em três VW Workers. Um outro caminhão transportava apenas os recrutas da B ADM GU SM e outro com recrutas dos dois pelotões.

Estou no caminhão com os recrutas dos dois pelotões. Não tem como saber para onde estão nos levando. O meu canga 610 Da Rosa está ao meu lado. A numeração do gorro dele estava descosturado. Ele não costurou direito.

- Alguém, tem o kit costura para me emprestar? – perguntou o Da Rosa para os recrutas dentro do caminhão.

Um deles tirou do bolso um potinho pequeno de kit costura e emprestou para o meu canga. Ele precisava só de uma agulha

A História de Um Recruta

e de um rolo de linha, cor preto, ou verde. Preciso ajudá-lo a costurar, pois ele não tem muita experiência com costura. Eu aprendi a costurar assistindo tutoriais no YouTube. Não foi com avó ou bisavô. Lembro que no internato alguns de nós pagavam para costuras os bolsos da farda, que era o que pediam para ser costurados na farda, malditos bolsos descosturados. Em minha primeira oportunidade de levar a farda para a casa dos meus avós, pedi para para que a minha avó Rosalene costurasse os bolsos da farda para me ajudar.

Costurar o gorro estava sendo uma tarefa complicada com o caminhão militar em movimento. O motorista deve ter tirado a carteira de motorista ontem.

Em uma fogueira feita pelo sargento Zancan da 3ª DE nós soldados, estamos caminhando em círculos em volta da fogueira para aquecer o corpo com a fumaça e estamos cantando a canção da *Marcha Sem Fim* infinitamente.

*Essa é a marcha sem fim
O sargento não gosta de mim
O soldado é um bicho sem sorte
Marcha até a morte*

CAPÍTULO SEIS

SEÇÕES

Estamos em frente ao contingente. O sargento Bergmann está de frente para nós na lameda, ele segura uma folha misteriosa que provavelmente diz a seção de cada um de nós recrutas. Estou ansioso para saber, mas também estou com medo, o medo de pertencer ao rancho e me tornar um rancheiro. Não quero ser um rancheiro.

Ele começou a anunciar as seções.

O soldado Da Silva vai ser transferido para um outro quartel-general, pois a seção dele é em outro lugar. Isto justamente porque ele tem um certificado em técnico em veterinário e porque também sabe cuidar de cavalos. Essa deve ser a última vez que estou vendo o Da Silva. Não há drama nenhum. O drama é perigoso às vezes.

O capitão Damien elogiou o Da Silva e o disse para aproveitar a oportunidade que ele teve.

Eu imagino: qual seria a seção do Teixeira? A vila militar, o contingente, os prédios militares ou o rancho? Não são muitas opções agradáveis. Talvez a vila militar, eles colocariam ele para sofrer naquele lugar carregando pesos como um burro de carga, ou talvez ele seria uma das putinhas

A História de Um Recruta

do sargento De Moraes, trabalhando nos prédios militares que é um inferno, as Torres Gêmeas.

O Daniel e o Xavier foram designados para o Almo, que é onde entregam materiais para as outras seções. É como um mercado. É onde cautelam os produtos de limpeza. Eles tem um estoque de várias coisas que precisam organizar e distribuir.

Os rancheiros são o Bernardi, o Gabriel e o Chimainski. Confesso que fiquei aliviado pelo meu nome não ter sido citado nesse momento.

Um dos lugares que eu gostaria que fosse a minha seção é o Hotel de Trânsito, mas os recrutas que escolheram foram o Tassinari, o Drescher, o Hönig e o Keller. Não tive sorte ou eu nunca estive destinado a trabalhar nesta seção.

Talvez eu seja do contingente e vou trabalhar com o sargento Bergmann, e o subtenente Pires, e o cabo Kauã e com o sargento Forgerini. Eu iria surtar. O contingente é o núcleo de controle onde as decisões são tomadas. O contingente precisou de dez combatentes: Preuss, Da Rosa, Allan, Fagundes, Emanuel, Roger, Eduardo, Kainan, e Silva Santos.

E mais uma vez o meu nome não havia sido mencionado.

A vila militar tem os seguintes militares: cabo Lopes, Ebling, Weber, Maidana, Nesske, Alberto, Machado, Magalhães, Oliveira e Lucas.

E aqueles que terão que aguentar ouvir os apelidos não engraçados do sargento De Moraes: Gonçalves, Silvano, Anderson, Schumacher, Roger.

A História de Um Recruta

Alguns foram selecionados para seções independentes onde precisam de apenas um recruta. Esse foi o caso do Zancan, do Cardoso e do bebê chorão do Richard. O Gregori também foi selecionado para uma seção independente, ele faz parte da seção de informática, como diriam: muito bizurado.

Enfim, o meu nome é um dos últimos a ser mencionado junto com o soldado Coelho. A minha seção é o EB Fácil. Essa é a primeira vez que ouvi falar sobre essa seção. Então, se julgar pelo nome da seção não deve ser difícil. Não sei onde é a localização do EB Fácil, mas julgo ser fora do quartel.

A tua seção é o EB Fácil?, perguntou o soldado Isaias.

Sim senhor. O soldado 633 Coelho também, respondi.

Faz um favor e chama ele pra mim. Quero conversar com os dois, disse ele empolgado.

Então chamei o Coelho e disse:

- O soldado Isaias quer conversar com nós. Acho que é sobre nossa seção.

- A seção do EB Fácil significa Exército Brasileiro Fácil e vocês vão trabalhar com o atendimento ao público idoso de manhã. E geralmente a tarde é somente faina porque é expediente interno. O nome do coronel da seção é Ademar e sempre que entrar na seção tem que bater continência e dar um bom-dia para o coronel – explicou ele.

A História de Um Recruta

Então o soldado Isaias também vai trabalhar com nós e vai ser ele quem provavelmente vai ser nosso ensinante.

Eu estava certíssimo com a intuição que tive, concretizou-se em verdade: o EB Fácil é fora do quartel e está localizado no térreo ao lado da portaria dos prédios militares. O ambiente tem uma sala de espera com três fileiras de cadeiras para os clientes esperarem. Tem um balcão pequeno no canto atrás das cadeiras onde tem uma termica escrita “café” em um papel branco colado à fita. O café é para quem for que esteja esperando. Naquele lugar também tem três televisões penduradas no alto, duas delas mostram o número das fichas, na tela de duas das televisões, uma localizada na parede à frente do balcão de café para os idosos que aparecia o número das fichas. A tv do meio passa a programação matinal de todas as manhãs da semana no canal Globo, o SBT não está na lista de canais que os militares gostam de assistir e não sei o porquê disso. A televisão mais distante fica em outra parede perto dos sargentos que lidam fazendo identidades civis e militares, e que também mostra o número do ficheiro.

Sou muito bizurado por ser mandado para esse setor.

Eu vou ser mais um atendente sentado em uma cadeira atendendo pessoas da terceira idade, e eu pulo de alegria.

A História de Um Recruta

26 DE MAIO

DE 2024

Um terrível acidente aconteceu e abalou o rumo total do futuro que antes parecia estar escrito, portanto, agora deve ter sido reescrito cruelmente, um outro caminho, mais triste e melancólico. Continuo a me perguntar: Qual é o meu propósito nessa vida? Todas as estrelas desaparecem no céu e tudo o que vejo é a escuridão.

Sabe quando se está no ponto de se estar embriagado no nível mais elevado da embriaguez? Você perde o controle de tudo. Quem ficou no controle é a dádiva que nunca poderei responder.

Talvez o meu eu interno conseguiu acesso ao controle de tudo e resolveu que a autodestruição do meu eu externo é uma solução para o problema. É assim que o sentimento de ser apenas um fantoche realmente se encaixa.

Então, o sentimento de aniquilação. O que poderei fazer para impedir meu próprio eu de aniquilar a mim mesmo? Doce aniquilação.

No domingo, 26 de maio.

Esse parece ser um daqueles belos dias em que fico o dia todo de repouso no quartel. Fechado dentro das paredes brancas e janelas fechadas do alojamento. Estou entediado. Posso fazer alguma coisa diferente hoje. Quero sair do quartel e fazer algo diferente. Não sei o que quero fazer.

A História de Um Recruta

Os domingos são silenciosos, a maioria dos soldados estão com as suas famílias. O Daniel, o Lucas, o Silvano são os laranjeiras. O quartel é a árvore e os soldados que não viajam são as laranjas dessa árvore, ou pelo menos é o que eles dizem. O Gonçalves também é um “laranjeira”. O lado assustador de ser um laranjeira é que as laranjas podem cair do pé da árvore e podem apodrecer antes mesmo do tempo. Não sou uma laranja.

Me desloco para fora do alojamento e acendo um belo de um marlboro red selection. Não tenho medo de desenvolver câncer de pulmão. Uma vez um taxista me disse que as pessoas que param de fumar têm mais chances de desenvolver algum câncer. As chances de desenvolver câncer em uma pessoa fumante que largou o vício do cigarro são maiores do que um fumante que continua fumando. Portanto, isso pode ser apenas um modo idiota de assustar os fumantes que querem parar de fumar. E fumar é o meu vício.

Os plantões do dia são Preuss, Xavier e Emanuel. O sargento do dia é o adorável alemão Bergmann.

O Gonçalves também estava do lado de fora do alojamento.

- Tem um cigarrinho pra me apoiar, Carvalho? — perguntou o Gonçalves.

Eu abri o meu maço de cigarros Marlboro e peguei um dos últimos três cigarros, bem, agora são dois. Cedo ou tarde vou ter que sair e comprar mais cigarros para alimentar o vício.

O Gonçalves me pediu para mexer em meu celular. Ele quer conversar com as mulheres online do aplicativo Omegle.

A História de Um Recruta

Emprestei, mesmo sabendo que ele poderia espionar as minhas conversas pessoais e fotos pessoais. Essas são as coisas que não costumo comentar. Não são vídeos pornográficos. São arquivos pessoais guardados no celular.

O Gonçalves prometeu mexer somente no Omegle, mas promessas podem ser quebradas facilmente.

O 612 Gonçalves havia sido assaltado quando ele estava embriagado, e nesse suposto assalto, roubaram o celular dele. Malditos ladrões que roubam um soldado que veio de outra cidade para servir aqui em Santa Maria. Talvez ele inventou toda essa história de assalto, e talvez ele só perdeu o celular por aí. Eu acredito no que vejo com os meus meros olhos, a confiança demais é uma armadilha para te derrubar, idiota. Você tem que confiar e desconfiar deles. Finjo acreditar na história do roubo do celular desse otário.

Estou me direcionando ao banheiro, para mijar. O delicioso som de cachoeira jorrando água na privada suja e amarela, sensação de alívio. Quando voltei, o Gonçalves estava do lado de dentro do alojamento, sentado em um dos beliches mexendo em não sei o que no meu celular.

Pedi o celular de volta. Disse que queria ver algo no celular, então ele devolveu. Na verdade, não queria ver nada.

- Aqui tá um tédio. Eu descobri uma praça nova perto daqui — disse o Gonçalves.

- Não sei. Onde fica essa praça?

O Gonçalves mostrou no Google Maps do celular onde era localizada a tal praça. Uma praça chamada de *Praça do*

A História de Um Recruta

Mallet. Essa praça era em frente ao quartel do *Mallet*, com o mesmo nome.

Quero conhecer essa praça.

Preciso ver a vista lá de fora.

Quero conhecer pessoas.

Quero me sentir vivo e livre.

Quero ver a luz do dia cintilar em meus olhos. Ah, a liberdade, eu quero.

- Vamos encher a cara — eu digo.

O Gonçalves parecia não ter nada de dinheiro, porque ele mandava o dinheiro do salário dele para a mãe dele. Desapontado.

- Eu tenho dinheiro pra beber, então vamos — convidei ele.

O dinheiro que eu tinha estava em caixinhas do Nubank, no banco virtual do celular. Eu poderia usar o cartão de débito do Santander. Tanto faz, qualquer um serviria para comprar alguma bebida alcoólica. Um nocauteador. Os dias anteriores não foram fáceis. Completou-se seis meses que não visitava a minha mãe. Quando chegavam os finais de semana que eu não estava de serviço, eu passava na casa dos avós ou ficava no quartel adoecendo. As duas opções eram entediantes e cheias de restrições. Existem muitas proibições para um homem recém adulto da minha idade.

Quero esquecer essas coisas, pelo menos esquecê-las por hoje.

Quero esquecer o luto pela perda do soldado Teixeira.

A História de Um Recruta

Ando em direção ao meu armário e visto: uma calça *jeans*, uma camiseta térmica. Uma camiseta de lã listrada de um azul marinho e de um preto escuro que era do soldado Roger.

Eu posso sentir o frio congelar meus dedos.

O frio sempre foi algo psicológico. Nós estamos acostumados com o conforto do calor, mas quando sentimos frio precisamos colocar um casaco para se aquecer.

Preciso me acostumar com o frio e sentir conforto no frio.

O plantão da hora, o peidorreiro 622 Preuss, anotou a nossa saída. A saída dos portões das armas foi como uma saída de uma prisão e agora finalmente posso respirar. Em um bar da esquina da Venâncio Aires, compramos um Dreher e uma coca-cola e um saco de gelo e nos direcionamos para a praça do Mallet, onde esperamos o soldado 628 Anderson chegar para beber junto.

O Anderson chegou minutos depois.

Dois soldados é bom, mas três soldados já são demais.

Todos os dias eu acordo e desejo mais alguns minutos de sono. E todos os dias eu durmo e desejo o começo de uma Terceira Guerra Mundial que envolvesse a participação de todos os soldados brasileiros. Então teríamos um significado maior em nossas vidas.

Nove adolescentes estavam jogando futebol na praça do Mallet. O Gonçalves e o Anderson pediram para jogar futebol, e enquanto isso, fiquei sentado no banco bebendo todo o Dreher com a coca-cola e o gelo.

Nesse momento, me conformei que estava tonto e zozinho. Quando o jogo de futebol acabou por volta das 16h30min. Eu, o identificado soldado 609 Carvalho e o soldado 612 Gonçalves procuramos outro bar para comprar uma carteira de cigarros, de certa forma, concordo em comprar um velho barreiro. Foi então que na metade dessa bebida, em que, perdi totalmente o controle de mim mesmo. As ações que fiz foram feitas em razão do álcool.

O Anderson tomou o seu rumo para a sua casa, e o céu estava escurecendo. Lembro de o GONÇALVES tentar me levar para o Shopping para me ajudar a curar o porre, porém, ambos estávamos realmente embriagados e mal conseguimos ficar em pé, mas não caminhamos muito longe do Mallet, pois em um momento em que a bebida tomou o controle total das minhas ações, eu fui transformado em marionete. Descontrolado, corri para atravessar a rua sem olhar para os dois lados da avenida, nesse momento, em que, um carro colidiu contra mim. Nós estávamos na frente do Hotel de Trânsito da Avenida Liberdade. Bem, fiquei nada ferido, mas estava nocauteado no chão. A mulher do carro, Camila Dalcol da Silva, chamou a ambulância dos bombeiros.

Comecei uma briga com o Gonçalves quando a ambulância dos bombeiros chegou para me ajudar, lembro de recusar qualquer ajuda, porém conseguiram ir contra as minhas forças, até que me rendi. O Gonçalves esperou do lado de fora do Hospital e eu continuava a recusar ser atendido forçadamente, até que, fugi do Pronto Atendimento Patronato (PA).

A História de Um Recruta

Parecia aquelas cenas de fuga nos filmes de ação.

Mal sabia eu que mais tarde o que viria seria um terremoto de acontecimentos que me puxaria para o abismo sem fim.

O Gonçalves me emprestou os tênis dele, pois de alguma forma, perdi os meus tênis em algum lugar, sendo assim, o Gonçalves ficou descalço.

Foi então que decidimos voltar para a 6ª Brigada de Infantaria Niederauer, portanto, ao chegarmos na guarda, a sargento comandante da Guarda, a famosa 3º sargento Trindade, pediu os meus documentos, mas não os encontrei e acabei entregando para a comandante da guarda a primeira coisa que encontrei em meus bolsos: um pedaço amassado de papel higiênico que peguei no PA.

A sargento Trindade ficou furiosa como uma mãe segurando o chinelo para bater no filho. Ela ligou imediatamente para o sargento de dia: o 3º sargento Bergmann.

Iniciei uma discussão acalorada com a sargento Trindade.

O sargento de dia da Base chegou na guarda e nos levou para o alojamento e me fez tomar dois banhos gelados, um foi na lavanderia, embaixo de uma torneira e dentro de um tanque usado para lavar roupas.

A História de Um Recruta

RÉQUIEM DE UM SOLDADO

EXPULSÃO

A História de Um Recruta

Estava na seção do EB Fácil. Foi nesse exato momento em que o soldado Isaias recebeu uma ligação do sargento Bergmann.

- O sargento Bergmann quer que o Carvalho suba para o contingente – disse o soldado Isaias para o sargento Claudio, que é o responsável pela nossa seção.

Eu tive uma das piores sensações de toda a minha vida naquele instante. Sabia que uma notícia muito ruim estava por vir, não tem como fugir dessa vez. O pior está por vir, o resultado daquela sindicância deve ter dado um dos resultados que estava rezando para não acontecer. O que adianta rezar agora?

Uma surpresa me aguardava, uma surpresa escondida em palavras não decifradas. Talvez nada aconteça e eu saia impune, mas dificilmente sairia impune depois de tudo o que aconteceu comigo. Sou uma alma perdida na rebeldia e não tenho medo.

Estou subindo as escadas devagar, em direção ao contingente. Eu sinto aquela sensação de borboletas no estômago como calafrios, essa sensação não vai embora. Detesto essa sensação.

Bato na porta e peço permissão ao sargento para entrar.

- O resultado da sua sindicância saiu. É melhor o senhor aparecer na Assessoria Jurídica e ver o que eles vão orientar agora.

- Carvalho! Eu te avisei soldado – disse o sargento Bergmann.

A História de Um Recruta

- Sim senhor.

Ele me entregou uma folha de “Nada Deve”, para passar em todas as seções do quartel para pegar as assinaturas das seções e entregar quando terminar. Estou sendo definitivamente desligado das Forças Armadas.

Saio da sala e vou em direção a Assessoria Jurídica do quartel para encarar o resultado da sindicância.

Nunca tinha estado antes na Assessoria Jurídica, ou dentro dela. O sargento Favarin, que faz parte da seção da Assessoria Jurídica, me revelou que eu estava, de fato, sendo desligado da instituição e me deu o tempo suficiente para ler as folhas de minha sindicância.

Você não é mais um soldado Carvalho.

Aquela bomba me atingiu e detonou de vez.

Você falhou no seu dever de servir a sua pátria amada.

Esse é o meu fim como um soldado recruta. Não serei mais um soldado. O que vou dizer para a minha família agora? Eu sou uma vergonha.

O sentimento de perda de identidade é muito forte. Todas as coisas que estava acostumado a fazer diariamente todos os dias estão perdidas. Esse é o meu xeque-mate. É o meu fim. Esse é o fim da minha vida, ruínas de um soldado recruta. Estou completamente destruído.

Os meus pedaços estilhaçados estão por toda parte.

A História de Um Recruta

Quero chorar até meus olhos ficarem vermelhos. Quero gritar e me jogar ao chão e fazer birra como uma criança. Quero dizer que tudo isto não é justo comigo, mas do que adiantaria? Não posso mudar o rumo do meu destino porque meu destino está selado.

O que direi aos outros soldados?, pensei, vou ter que contar de qualquer forma sobre minha expulsão. Eles chamam essa parte de Licenciamento a Bem da Disciplina.

É engraçado. O que essa instituição faz todos os anos é pegar jovens voluntários, mas também eles têm o mesmo poder de expulsar um soldado voluntário e arruinar sua vida.

- Eu fui expulso – conto para o meu canga que estava de serviço de plantão.

- Pô, cara. Sinto muito, mas pense pelo lado positivo – ele disse tentando me consolar - pelo menos, agora você não vai mais ser obrigado a ficar vinte e quatro horas de serviço e agonizando.

Ele tem razão.

- Agora você vai poder ver a sua mãe que não visitava há muito tempo, não é?

- Sim, verdade.

Entro para dentro do alojamento para onde estavam os beliches. Deito-me no primeiro beliche em frente à porta e começo a chorar de um jeito muito inconsolável. Não sou mais um soldado. É isso. Acabou.

Essa merda de instituição. Essa merda de coronel Soares. Mas que filho da puta. Os gigantes da hierarquia militar me pisam como se eu fosse um tapetinho de limpar sapatos.

A História de Um Recruta

Estou em negação e sem acreditar nas notícias de hoje. O incrível é ouvir todos dizerem que a sua vida continua, que você vai conseguir se sair bem na vida depois disso. O major Luz disse que tenho a metade da vida pela frente, mas não sinto como se eu tivesse a metade da vida para viver, bem, fui derrubado no jogo da vida. Sou um derrotado e infeliz que perdeu tudo o que tinha em questão de um dia. Em um dia tudo mudou drasticamente para o pior que poderia ter acontecido.

Alguns parecem estar mais afetados com o fato de saberem que nunca mais estarei aqui nesse lugar. Eu vou desaparecer. Não vou voltar e se um dia voltar, nenhum deles estará presente para testemunhar a minha presença, ou provavelmente não vai sobrar ninguém para lembrar do meu rosto porque seguiram suas vidas e removeram as lembranças que tiveram comigo de suas mentes.

Talvez não queiram lembrar.

Parei de me martirizar pela minha expulsão e segui rumo para a Cantina para pegar a assinatura de “Nada Deve” da moça atendente do caixa.

Entreguei a folha para ela assinar.

- Mas já vai embora? O que aconteceu? – Géssica perguntou enquanto assinava a folha.

- Sim, porque fui expulso.

Ela lançou um olhar de espanto e curiosidade, como se ela nunca tivesse testemunhado alguém ser expulso antes na droga miserável que ela chama de vida.

A História de Um Recruta

Retirei-me da Cantina e fui para a Loja de Artigos Militares.

- Mas já teve baixa? O que houve? – Josi, a moça da lojinha perguntou.

- Nada, só tive minha baixa antecipada antes do tempo.

Havia um cabo, provavelmente da 3ª DE, ele estava presente e estava sentado em uma cadeira dentro da Loja de Artigos Militares. Eles estavam conversando antes da minha chegada surpresa.

- Ei, você não é aquele soldado que todo mundo está comentando, o que fez as alterações? – o cabo me olhando dos pés a cabeça perguntou.

Mas que droga, me reconheceram.

- O que mijou nos portões da guarda e mijou na cama, e que também foi atropelado por um carro, não é? – o cabo perguntou. Não olhei para o sotache dele para saber o nome de guerra dele.

Fiz que sim com a cabeça.

- Ah, então é você o soldado que todos os outros comentam aqui, o Carvalho. Eu ouvi dizer que até o general de todos os quartéis da cidade ficou sabendo do que você aprontou, mas você parece ser tão quietinho... – Josi disse olhando para mim.

O general Pimentel, o homem que viajou para o Reino Unido, e que era adorado por todos os militares. O homem que está no topo da hierarquia militar e ouviu falar da minha existência. Como ele chegou até o topo da hierarquia? Ele deve ter puxado muitos sacos e babado em vários ovos.

- Quer saber de uma coisa? Quando você sair daqui, levanta a sua cabeça e não fique triste. Pelo menos você fez história

A História de Um Recruta

aqui dentro do quartel. As pessoas não vão te esquecer assim tão facilmente – a atendente Josi disse me olhando nos olhos.

Era tudo o que eu precisava ouvir.

Uma coisa posso dizer de afirmação “Eu fiz a minha história”, e ela não será facilmente esquecida por qualquer um. Todos os dias alguém irá comentar o meu nome de guerra, e todos os dias alguém passará em um lugar onde estive e pensará nas milhares de atrocidades que um dia fiz sem medo.

Entrei dentro da Barbearia depois de ter batido três batidas na porta. A Barbearia fica ao lado direito da Loja de Artigos Militares.

Entreguei o papel de Nada Deve para um dos dois barbeiros.

- Mas já tá indo embora? – perguntou o Ricardo.

Respondi com a verdade. A dura verdade que me perseguiu e me alcançou nessa corrida.

- Bah, mas que pena! – Ricardo disse enquanto assinava o bendito papel.

- Eu desejo muito sucesso para você lá fora.

Sucesso, isso realmente existe? Ele pode estar de sacanagem com minha cara. As minhas chances de fracasso são mais altas do que as de meu sucesso.

Peguei a assinatura de um subtenente da seção de Reserva de Material da Companhia do Comando da 3ª Divisão do Exército. Não entendi o nome do subtenente porque a letra da assinatura dele parece um garrancho de criança, mas que letra emendada horrível.

A História de Um Recruta

Entrei em seções que nunca tinha entrado quando ainda era um soldado antes de ser expulso e a reação deles era sempre a mesma, surpresa ou espanto ao saber da minha expulsão das Forças Armadas do Brasil.

Desci até a seção do EB Fácil para dar a notícia da minha expulsão. Eu ainda estava fardado de soldado, mesmo não sendo mais um soldado.

O primeiro sargento Cláudio que trabalhava comigo na seção do EB Fácil, Isaias uma vez me disse que o sargento Cláudio tinha uma certa experiência como psicólogo. O Cláudio me viu chegando na seção e saiu para fora da seção do EB Fácil para conversar comigo sobre minhas expectativas futuras. Ele disse para eu não desistir e me explicou que existem muitos cursos para fazer mesmo sem a reservista. Ele tentou me convencer para que eu continuasse seguindo algum caminho na vida, sem desanimar por completo.

É um sentimento horrível receber sentimentos de pena.

A devolução da farda verde oliva para o subtenente Pires foi como entregar o corpo e a alma da pessoa que eu estava sendo desde a incorporação. Adeus vida de soldado recruta. Adeus vida de recruta. Quem sabe eu aprenda algo valioso com essa triste e vergonhosa expulsão, ou não.

O soldado recruta 609 Carvalho não existe mais, ele já era. Pode considerar o soldado 609 Carvalho um soldado morto

A História de Um Recruta

porque dá na mesma. Esquecido e injustiçado por aqueles que desejaram a sua queda.

O subtenente Pires me perguntou para onde eu iria agora. Se eu morava em Santa Maria.

- Não moro aqui em Santa Maria, mas meu avô sim. A minha mãe mora em Ijuí e eu vou pra lá depois disso.

- Qual foi a reação da sua mãe em saber da sua expulsão?

O subtenente curioso quase morreu sem matar essa curiosidade.

- Ah, ela entendeu. Ela ficou feliz porque agora ela vai poder me ver depois de muito tempo. E eu também estou feliz que agora vou poder ver minha mãe.

- Você não devia estar feliz sendo expulso. Não é uma boa notícia — disse ele.

“Pra quem disse que eu ia sair na terceira baixa, saí na primeira”, escrevo e mando no grupo dos soldados.

A doce vida civil me aguarda.

O Lemos finge se importar. O Lemos é um farsante mentiroso.

O Hönig diz que não foi por falta de aviso e oportunidade. Ele parece não saber que tudo isso sempre esteve destinado pra mim.

A real razão da minha expulsão foi por causa do meu acidente. Quando minhas perninhas de superman voaram por cima do capô do carrinho da advogada Camila Dalcol. O que

A História de Um Recruta

aconteceu quando estava embriagado com mil tipos de bebidas alcoólicas.

As pessoas têm medo da minha loucura.

Eles são patéticos por aceitar o que essa instituição faz com eles todos os dias. A instituição militar está estuprando as bundas sujas de todos os miliquinhos. Se o antigo capitão Damien dizia que isso era normal, então tem que ser normal o estupro. Tem que ser natural o estupro.

Por favor estuprem as nossas bundas vossa venerável instituição hierárquica.

Os ventos sopram para outra direção, mais distante e implacavelmente imparável.

A História de Um Recruta

O FIM DA LINHA
PASSAGEIROS TAMBÉM
CHORAM

A História de Um Recruta

Mal sabiam os militares que eu não tinha tido a coragem suficiente para contar ao meu avô Emilio, que mora em Santa Maria, sobre a minha injusta expulsão. Nenhum dos outros militares está experimentando esse gosto de vergonha e humilhação que eu estou tendo. A verdade foi que eu tive medo de ser, de fato, uma vergonha para a família e de ouvir o meu avô me xingando sem parar nos meus ouvidos sensíveis.

Comprei uma passagem rumo a Ijuí pelo site online da Rodoviária de Santa Maria. Eu viajaria no dia seguinte pela tarde. Eu estaria viajando apenas com as minhas coisas do meu armário do alojamento, porque não quis de jeito algum passar na casa do meu avô pegar as minhas roupas e pertences e documentos pessoais.

Não quis encarar meu avô. Não quis dizer pessoalmente que fui expulso, assim como não disse sobre a abertura inicial da sindicância para meu avô. O resultado foi o pior que imaginei.

Tudo de ruim aconteceu.

Eu sempre fui um perdedor mesmo.

Então sou um civil, de volta às origens. Vou pernoitar no alojamento em meu último dia, como um civil.

O sargento De Moraes perguntou sobre a minha farda, o que eu iria fazer com o fardamento novo que eu tinha comprado? Vender para alguém era uma boa opção.

Não, eu não consegui racionalizar direito e pensar bem sobre o assunto de vender ou não a farda nova que paguei quatrocentos reais, os olhos da cara. Seria justo vender pela metade desse preço, ou por uns duzentos e cinquenta, pois estava pouco usada e em perfeitas condições. Não me decidi.

A História de Um Recruta

Pernoitei no alojamento.

Por volta das três horas da madrugada, o sargento De Moraes acordou todos os recrutas que estavam dormindo e deu ordens para eles saírem do alojamento e fazer flexões do lado de fora do alojamento, porque o Magalhães tinha chegado alterado e gritando alto. Eu fui o único que pôde continuar na cama dormindo, pois sou um civil.

Sonhei que estava caminhando de noite e sem rumo perto da Garganta do Diabo, onde eu fiquei olhando por um tempo para baixo do penhasco de pedras. Imaginei como o meu corpo seria resgatado depois de uma queda dessa altura com uma carta de suicídio no bolso. No sonho eu estava usando a roupa listrada do dia em que fui atropelado pela advogada Camila Dalcol da Silva, as mangas da camisa estavam ensanguentadas com o meu sangue, porque tinha cortado os pulsos mas não tinha funcionado para acabar com o sofrimento. Então olhei uma última vez para baixo do penhasco. Pego o meu celular do bolso do meu jeans e escrevo no grupo dos militares “CAR-VA-LHO” e “Me desculpem”, e sem hesitar eu pulo para dentro do abismo.

Eu acordo em um susto e com o coração acelerado.

Esse será o meu último dia com os pés nessa Base militar que me expulsou injustamente. Esse também será o dia de

A História de Um Recruta

despedidas. O dia em que direi adeus para alguns e para outros apenas serei alguém que desapareceu e não foi mais visto por ninguém.

O Chimainski estava me pedindo dinheiro. Ele acha que sou rico e que tenho muita grana, pelo contrário disso, sou mais pobre do que pareço e tenho a conta de dois bancos negativados de dívidas.

Eu pensei em me jogar da Garganta do Diabo, mas isso causaria mais problemas, as pessoas não encontrariam os motivos do meu suicídio. Tenho tantos motivos para acabar com isso desse jeito. O jeito que eu caí no fundo do poço em menos de vinte e quatro horas é surpreendente.